

Os rebeldes sem armas emboscados por um agente duplo da ditadura

Os rebeldes sem armas emboscados por um agente duplo da ditadura 09 de Outubro de 2017 , 6:46

Os rebeldes sem armas emboscados por um agente duplo da ditadura

Em tempos de delação premiada, obra de jornalista retrata o massacre da granja São Bento, de 1973, e traz a história de um dos famosos dedos-duros da ditadura, cabo Anselmo

Fonte: [Afonso Benites](#)

El País - Brasil



O jornalista Luiz Felipe Campos. (Foto: Nathalia Pereira Divulgação)

Quantas pessoas você trairia para se livrar da prisão e de sessões de torturas? Quantas delas entregaria as vidas para assassinos vestidos de fardas e uniformes policiais? José Anselmo dos Santos, ex-marinheiro brasileiro conhecido como cabo Anselmo, foi um dos principais agentes duplos da ditadura militar e delatou ao menos 200. Sendo que cerca de cem perderam suas vidas. Seis delas durante uma chacina no então município de Paulista, em Pernambuco. É a história deste assassinato múltiplo que é retratada no livro *O Massacre da Granja São Bento*, lançado no último dia 29, em Recife.

Os minuciosos detalhes deste caso, ocorrido em janeiro de 1973, finalmente vieram à tona na obra

assinada pelo jornalista e mestrando em antropologia Luiz Felipe Campos. Justamente em um momento em que os delatores são apontados no Brasil como uma espécie de heróis. A diferença, é que nos dias de hoje, eles desvelam casos de crimes de colarinho branco envolvendo a cúpula política e empresarial. Nos anos da ditadura militar, contribuíram para o cometimento de centenas de homicídios e torturas de presos políticos.

No livro, o autor relata como cabo Anselmo articulou uma falsa reestruturação de um grupo revolucionário armado em Pernambuco e os entregou para serem aniquilados por policiais e militares na área rural da então cidade de Paulista. Entre os assassinados estava a mulher com quem Anselmo viveu maritalmente em Recife, a militante paraguaia Soledad Barret Viedma.

Motivado por contar um caso regionalmente conhecido, mas pouco explorado por jornalistas e historiadores nacionalmente, Campos juntou cerca de 2.000 páginas de documentos em cinco anos de investigações que resultaram na obra. Ao menos 50 pessoas foram entrevistadas no período. Os principais relatos foram dados por um dos sobreviventes da chacina, o paraguaio Jorge Barrett, cunhado de Anselmo. “Percebi que essa era uma história que não estava bem contada. Tinha muito da versão oficial, algumas tentativas de desconstruir a versão de que chamava as vítimas de terroristas, mas nada que tentasse juntar todos os elos”, afirmou o jornalista ao EL PAÍS.

No livro, ele vai além: “No caso da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) em Pernambuco, a guerrilha nunca chegou a existir: desde sempre teve suas pernas amputadas e uma sentença de morte sobre as costas. Com os seis mortos foram enterrados também os sonhos de toda uma geração de guerrilheiros que, a seu modo, buscavam uma *Sierra Maestra* para chamar de sua no Brasil”.

Em um ritmo de thriller policial, a obra orbita em torno do cabo Anselmo. Mostra como ele reuniu no Pernambuco seis militantes contrários à ditadura sob a justificativa de reiniciar a luta armada urbana contra o regime. Segundo essa aprofundada pesquisa que gerou o livro, o ex-militar queria dar um tiro de misericórdia na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e em todo outro grupo que tentasse se articular contra os ditadores. “Em 1971, a luta armada de esquerda estava desmobilizada. Anselmo concordou em ser usado pelo regime para dar esse tiro de misericórdia. Era para passar um sinal para os outros grupos de que a luta armada não valeria a pena”, explica o autor. Um dos “comandantes” de Anselmo nessa trama foi o famoso delegado torturador Sergio Paranhos Fleury, um obstinado perseguidor de rebeldes que atuou no Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo.

As vítimas do massacre da granja São Bento foram Soledad Barret, Jarbas Marques, Eudaldo Gomes da Silva, Evaldo Luiz Ferreira de Souza, Pauline Reichsul e José Manoel da Silva. Todos foram traídos por Anselmo. Por quase um ano articularam maneiras de como unir forças para combater o regime militar. Não conseguiram adquirir uma só arma. Mas morreram identificados como terroristas, conforme estamparam em suas manchetes os jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*, em uma clara adesão à versão oficial.

Entre os dias 7 e 8 de janeiro de 1973, os seis foram presos. Seus corpos foram encontrados crivados de balas nas proximidades da chácara São Bento, no dia 9. Dos 32 projéteis encontrados nos corpos, 14 estavam alojados nas cabeças das vítimas. Diversas armas foram espalhadas ao redor dos cadáveres. A polícia, na ocasião, disse que desbaratou um congresso de militantes da VPR. Trocou tiros com eles. Matou todos. E nenhum policial saiu ferido, nem de raspão.

TERROR SOFRE NOVO GOLPE: 6 MORTOS

Os órgãos de segurança anunciaram ontem que a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), embora já praticamente desarticulada no Brasil, tentou promover um congresso nacional no município de Paulista, Pernambuco, nas proximidades de Recife. Os órgãos de segurança, que já dispunham de informações a respeito do encontro, fizeram o cerco e, após tiroteio, invadiram o local e encontraram alguns terroristas mortos e outros gravemente feridos, que vieram a falecer em seguida, num total de 6 mortos.

Morreram, assim, Eudaldo Gomes da Silva, José Zacarias, que fora banido do Brasil, Pauline Reichstul (Silvana), natural da

Tchecoslovaquia; Soledad Barrett Viedra (Sol), natural do Paraguai; José Manuel da Silva (Cirino, Zé Mané, Gordo); e Jarbas Pereira Marques (Sergio). Dois terroristas conseguiram fugir.

No dia seguinte informaram os órgãos de segurança, ainda no município de Paulista, foi percebida a presença de Evaldo Luiz Ferreira de Souza (Sergio), recentemente chegado de Cuba e, possivelmente um dos que haviam fugido ao cerco. Reagindo à voz de prisão, Evaldo trocou tiros com os agentes de segurança e foi morto no local.

Essa operação, informaram ainda, permitiu a prisão de vários elementos da VPR, entre eles um estrangeiro, e a apreensão de documentos,

armas, munição, mimeógrafos e equipamentos diversos. A OPERAÇÃO

E o seguinte o relato divulgado pelos órgãos de segurança:

"A organização terrorista conhecida como VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) autora de vários sequestros de embaixadores no Brasil, está praticamente desarticulada, em face dos reveses sucessivos que vem sofrendo em todo o País.

Seus remanescentes estão presos, outros banidos no Exterior e uns poucos elementos de base, foragidos, com dificuldade, inclusive, de sobrevivência. Mesmo assim, a VPR continua a estimular a propagação subversiva e algumas ações esporádicas praticadas por um pequeno grupo de terroristas treinados em Cuba. Além disso, vem tentando o regresso de um grupo de militantes que concluiu recentemente o curso de guerrilha nesse país, para, num esforço especial, se reestruturar no Brasil.

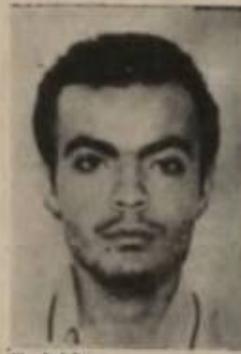
Na sua propaganda invoca a necessidade de se manter acesa a chama do terrorismo, utilizando chavões ultrapassados e diversas palavras de ordem, no objetivo de aliciar estudantes e outros jovens, muitas vezes desavisados e inconscientes, para a realização de destruidora dessa perigosa facção.

No decorrer das operações de combate às organizações terroristas remanescentes, os órgãos de segurança levantaram, no Nordeste, diversos dados que indicavam a realização de um Congresso Nacional da VPR nos arredores de Recife.

Constatada a veracidade desses indícios, e após ingentes esforços, foi possível o levantamento completo do referido congresso, inclusive o local e a data de sua realização.

Equipes especiais dos órgãos de segurança cercaram, no dia 8 de janeiro do corrente ano, o "aparelho" coordenador, localizado numa chácara dentro do loteamento de São Bento, no município de Paulista, cidade que integra o Grande Recife e vinha sendo utilizado como centro de treinamento e guerrilha.

Nesse local foi dada ordem de prisão aos terroristas que se achavam reunidos, os quais, no entanto, reagiram à bala. Após cerrado tiroteio, foram



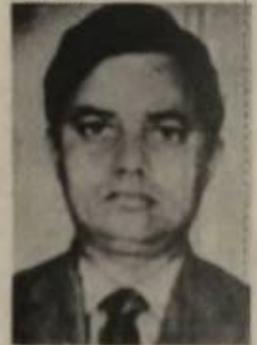
Eudaldo



Pauline



Soledad



José Manuel



Jarbas



Evaldo

encontrados, no "aparelho", alguns terroristas mortos e outros gravemente feridos. Estes, não resistindo aos ferimentos, vieram a falecer. Dois militantes terroristas conseguiram fugir.

PROSEGUIMENTO DA OPERAÇÃO

Na tarde de anteontem, em prosseguimento às operações, uma das equipes dos órgãos de segurança, que se achava em atividades de vigilância há

dois dias, próxima a um sítio localizado na estrada da Santa Casa, também em Paulista, percebeu a presença do terrorista Evaldo Luiz Ferreira de Souza (Sergio), recentemente chegado de Cuba. Ao que se supõe, era um dos fugitivos do congresso abortado na véspera em uma chácara próxima da região. Reagindo a voz de prisão, disparou contra a equipe, travando-se, então, um tiroteio. O terrorista Evaldo morreu no local.

Auditoria denuncia 32 terroristas do MOLIPO

O procurador de Justiça Militar Dácio Gomes de Araújo, da 2.ª Auditoria de Guerra, da Capital, apresentou, ontem à tarde, denúncia contra 32 terroristas, filiados ao Movimento de Libertação Popular — MOLIPO — que realizou 67 "ações" assaltando bancos e casas comerciais, repartições públicas para falsificação de documentos, fazendo explodir bombas em vários locais e praticando elevado número de atos terroristas.

O MOLIPO era formado por dissidentes da ALN, organização terrorista que desapareceu com as mortes de Marighela e Camara Pereira. Seus dirigentes eram chamados os "28 de Cuba" porque completaram curso de guerrilhas com Fidel Castro. Diz o promotor que essa organização apareceu como um bando de assaltantes mais ou menos organizado, cujos componentes visavam, em seus ataques, nada mais do que um meio de sobrevivência.

Do bando faziam parte, os terroristas Ayrton Adalberto Mortali, Maria Augusta Tomás, Marcio Beck Machado, João Carlos Cavalcanti Reis, Francisco José de Oliveira, Antonio Benedito, e Lauriberto José Rivas, e seus principais chefes, mortos em choques com a polícia, eram Iuri Xavier Pereira, Ana Maria Nascimento, Geison Reicher, Alex de Paula Xavier

400 carteiras profissionais em branco e esmifinos para falsificação. Assaltaram a Eletrolux, levando Cr\$ 93 mil das folhas de pagamento à agência da Light, na rua Silva Bueno, apoderando-se de Cr\$ 33 mil; a Fábrica de Plásticos Vulcan, onde se aproximaram de Cr\$ 65 mil das folhas de pagamento.

Consta contra eles ainda a acusação de incêndio de viaturas policiais e ônibus, roubo de perua da firma AMP do Brasil para transmissão de mensagens subversivas, assalto à agência da Casa Verde do Banco Brasileiro de Descontos, onde não encontraram a chave do cofre e levaram três máquinas de escrever; assaltos a cursos de ensino e até ao banco instalado nas Faculdades Metropolitanas Unidas; assaltos a firmas impressoras, onde roubaram máquinas off-set; arremesso de bombas nas residências da rua Elias Zarzur, 2.020 e 2.032, danificando um Galaxie no interior de uma das garagens.

O total dos roubos realizados em dinheiro suplantou em muito a importância de Cr\$ 1.000.000,00, comentando o procurador de Justiça Militar que, de todos os estabelecimentos bancários assaltados, assim como das viaturas policiais, eles levavam o armamento encontrado.

Reprodução de jornal pernambucano de 1973. Reprodução

Uma das razões para a chacina ter ocorrido foi que o jogo duplo de Anselmo começou a ser desvendado. Na antevéspera do massacre, Soledad, a mulher dele, recebeu uma carta em que o comando da VPR que estava exilado no Chile alertava sobre a possibilidade da traição de Anselmo. Ingenuamente, ela mostrou a carta para o ex-militar. Foi sua sentença de morte e dos outros cinco companheiros dela. Assim que o sexteto foi preso, Anselmo deixou Recife da mesma forma que chegou, clandestinamente.

Na obra, o jornalista Campos também relata a luta das famílias em conseguir a reparação do Estado brasileiro e o reconhecimento de que todos foram vítimas da ditadura. Vários conseguiram, mas as marcas deixadas em alguns, jamais foram apagadas.

O livro

O Massacre da Granja São Bento

Autor: Luiz Felipe Campos

Editora: CEPE - Companhia Editora de Pernambuco

Preço: 30 reais

Páginas: 214

[Enviar para impressão](#)